

FEBRA PSI

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

[68]

Crianças e telas:

O aumento do uso de tecnologias digitais entre crianças e até bebês preocupa profissionais da área da saúde

Canções de ninar e cuidados maternos essenciais para o desenvolvimento do bebê.

As dores do amadurecimento

e das diferenças: Comentários sobre o filme *Close* e a função do analista nos movimentos de identidade, vínculos amorosos e conflitos nas terapias de casal e família

O legado deixado por Roosevelt Cassorla



Estamos concluindo um segundo semestre criativo e estimulante. Iniciamos agosto com uma visita técnica a Gramado, na qual trabalhamos junto aos colegas das Federadas anfitriãs do 30º Congresso: SBPdePA, SPPA, SPPel e o GEP-SC. Tivemos a oportunidade de conhecer os hotéis de forma mais detida, parte da estrutura turística local e as acomodações disponíveis.

Conversando com moradores, ouvimos que, apesar das grandes dificuldades que se seguiram à tragédia ocorrida no Sul do país e das enormes perdas que o Estado teve, a região se recupera bem e rapidamente.

Aproveito a ocasião para responder à uma questão recorrente: o Congresso acontecerá simultaneamente em dois hotéis - Master e Wish - e a escolha por um deles se dará por conta das preferências pessoais ou familiares de cada colega. A distância que os separa não é grande e a caminhada entre um e o outro é agradável, mas teremos vans circulando entre ambos ao longo do evento.

Enquanto avaliávamos as condições de infraestrutura para o Congresso, a Diretoria Científica se dedicava a consultar os diretores científicos das Federadas sobre os temas que os colegas pretendem debater no evento, que serão seguidos pelas sugestões de mesas, cursos e diálogos interdisciplinares, atividades que visam estabelecer interlocução entre psicanalistas e profissionais de outras áreas. A consulta a respeito do que cada Federada considera relevante que o Congresso aborde é parte fundamental do processo de construção de grade científica, que em breve estará à disposição em nossas redes.

Participamos dos preparatórios de São Paulo, Florianópolis e Uberaba. Evidenciou-se o potencial mobilizador da temática do Congresso, tanto para os colegas quanto para o público externo à Febrapsi.

A diretoria de publicações e divulgação estreou a nova temporada do *podcast* Associação Livre e dedicou-se à divulgação do CPLP, Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa. Como sabemos, o CPLP teve de ser reagendado por conta da instabilidade política e social pela qual passa Moçambique e, particularmente, Maputo (a cidade sede). Ele deverá ser realizado em maio de 2025. Além disso, foi criada uma *playlist* específica no *Youtube* para divulgar os eventos que as Federadas estão organizando, por iniciativa própria, para conversar sobre tópicos relacionados à temática de Gramado.

No âmbito do Conselho Profissional, estreitamos os laços com o Movimento Articulação, estimulamos as Federadas a debaterem internamente sobre o tema regulação/regulamentação da psicanálise, bem como sobre os diversos aspectos que se referem à reforma do Estatuto da Febrapsi. Ambos seguirão acontecendo ao longo de 2025 e os colegas estão convidados a participar e a contribuir.

Aproveito para mencionar as premiações do SOS e do Observatório Psicanalítico da Febrapsi, efetivadas na reunião do Congresso da Fepal.

Antes de concluir, quero dividir uma ótima notícia: a Assembleia de Delegados aprovou um projeto que, no meu entender, será muito relevante para a nossa relação com o meio científico e com as novas gerações, o primeiro Programa de Treinamento em Pesquisa Psicanalítica brasileiro, mas isso é um tema sobre o qual conversaremos longamente em breve. Um ótimo final de ano e até 2025.

**Luiz Celso Toledo**

Presidente da Febrapsi,
membro da Sociedade
Brasileira de Psicanálise
de Ribeirão Preto (SBPRP)



Caros leitores, a psicanálise, com mais de um século de história, permanece relevante em um mundo que questiona sua eficácia. Elizabeth Roudinesco, em sua obra *Por que a Psicanálise?*, destaca o ataque à psicanálise, apesar de seus resultados clínicos comprovados. Ela argumenta que a subjetividade humana é complexa, envolvendo temas como morte, sexualidade e relações interpessoais, que não podem ser tratados superficialmente. Neste contexto, a psicanálise se apresenta como uma ferramenta essencial para explorar a experiência humana, proporcionando um espaço para confrontar angústias e dilemas.

Convidei algumas colegas para refletirem sobre a pergunta "Por que a psicanálise?" no *Febrapsi Notícias*. Maria Thereza de Barros França destaca a importância de permitir que crianças vivam sua infância plenamente, longe da pressão por produtividade e exposição precoce às telas. Joselane A. T. Campagna Silva critica o impacto das telas no desenvolvimento infantil, ressaltando a importância da interação humana na formação do eu. Joice Calza Macedo traz reflexões sobre a fragilidade emocional dos bebês e a influência dos cuidadores em seu desenvolvimento.

O filme *Close*, de Lukas Dhont, ilustra as dores do amadurecimento e as complexidades das relações infantis. Eliane Cotrim Levcovitz discute a importância da identidade pessoal, sugerindo que a psicanálise deve considerar tanto as relações primárias quanto as dinâmicas sociais.

Regina Maria Rahmi destaca que o amor e o desamor são fontes de sofrimento e crescimento. A psicanálise, ao explorar esses conflitos, oferece caminhos para resolver crises nos relacionamentos, ajudando na compreensão emocional.

Projetos inovadores como "Livros no Tatame" mostram a importância de expandir o papel social da psicanálise. Christine Nunes explica como a psicanálise pode ser um espaço criativo de escuta, contribuindo para a saúde mental de crianças e adolescentes em contextos vulneráveis.

A Associação Brasileira de Candidatos (ABC) celebra 2024 como um ano de integração e crescimento na psicanálise, com a realização de encontros regionais e a organização do IX livro, *Sexualidades e a subjetivação: onde se ancora a escuta do analista*.

Neste número, inauguramos uma seção de biografias, escrita por Helena Daltró Pontual, e começamos com o grande médico, professor e psicanalista Roosevelt Cassorla, que faleceu em setembro de 2024, nos deixando um rico legado.

Em suma, a psicanálise permanece um campo vital, oferecendo profundas reflexões sobre a condição humana. Ao enfrentar os desafios contemporâneos, devemos valorizar o espaço de escuta e compreensão, onde as complexidades da subjetividade podem ser plenamente exploradas. A psicanálise é um convite à reflexão sobre nós mesmos e as relações que nos definem. Boa leitura!

**Silvana Torres**

Diretora de Publicações e
Divulgação da Febrapsi

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO DA FEBRAPSI

DIRETORA: Silvana Marta S. Torres (SPRJ)

EDITORA EXECUTIVA DO FEBRAPSI NOTÍCIAS: Silvana Marta S. Torres (SPRJ)

EDITORA DO FEBRAPSI NOTÍCIAS: Helena Daltró Pontual (SBPSP e SPBsb)

COMISSÃO EDITORIAL: Helena Daltró Pontual (SBPSP e SPBsb) e Silvana Marta S. Torres (SPRJ)

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Helena Daltró Pontual (RP 866/1982)

DIAGRAMAÇÃO: Licurgo S. Botelho

CAPA: *Noite estrelada* – Vincent van Gogh, 1889

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (FEBRAPSI)

Av. N. Sra. de Copacabana, 540, sala 704 – RJ – CEP: 22020-001

Tel: (21) 97168-0280 | e-mail: contato@febrapsi.org

www.febrapsi.org

Edição distribuída em formato digital

Acesse as redes sociais da Febrapsi

Facebook

Youtube

X

Instagram



Um espaço de sonho e desejo nas relações amorosas na construção de um vínculo

A busca do *partner*, segundo Freud, desperta ou ativa algum traço parcial no sujeito das primeiras relações amorosas; a primeira marca de prazer e satisfação. Entre o encanto do reencontro e o desencanto da ausência é o lugar para onde convergem os apaixonados.

A ilusão de ter a mesma ilusão... A parceria amorosa implica momentos mágicos e os dois acreditam terem encontrado aquilo que sonharam. Esse é o território de projeções entrecruzadas, fantasias de continuidade, completude e transcendência. Não seria o “campo

virtual” algo inerente à natureza das paixões? Um espaço de sonho e desejo?

Os enamorados buscam a noite, diz William Shakespeare; o território das idealizações e intensas atrações. A grande questão aparece quando a luz da realidade, a existência do outro, se faz presente.

Eu me lembrei de uma das telas de Marc Chagall (*Over the town*, 1918), que ilustra um casal com os corpos entrelaçados no céu e sobrevoando a cidade; uma das pernas do casal aponta em direção a terra, uma menção ao pouso. É a beleza do encontro como



Regina Maria Rahmi

Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

inspiração de uma relação que faz com que um aterrisse e o outro voe.

Acorda o arcaico, e a fusão de corpos abriga um estado transitório de atração fulminante e intensas idealizações. As fantasias de continuidade e completude negam o tempo, as diferenças e as transformações, que são inerentes ao devir da natureza humana.

E o amor?



Disponível em: <https://shre.ink/ggVn>. Acesso em: 18 dez. 2024.

O amor é como uma árvore que tem raízes no inconsciente e inclui a possibilidade de tolerar o desencontro. Supõe a aceitação entre dois seres da distância, da não concordância; implica um trabalho psíquico difícil, a elaboração de funcionamentos narcísicos primitivos de possessividade e onipotência.

O amor vive da incompletude. É a falta, a busca que nos põe em movimento. O desejo precisa de tempo para germinar, crescer e amadurecer.

A poeta Adelia Prado nos fala com a simplicidade e sabedoria de quem conhece a complexidade das relações amorosas:

O poema nos traz o clima de cumplicidade e intimidade do encontro. O afeto que emerge ao abrir as vísceras, retalhar e salgar, no trabalho cotidiano a dois. Manifesta-se no silêncio das lembranças vividas e compartilhadas. O prazer que espoca no surgimento de “coisas prateadas” daquilo que nasce do entre dois.

Casamento

Há mulheres que dizem:

Meu marido se quiser pescar, pesque

Mas que limpe os peixes.

Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,

Ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

É tão bom, só a gente sozinha na cozinha,

De vez em quando os cotovelos se esbarram

Ele fala coisas como este dia foi difícil

prateou no ar dando rabanadas

e faz o gesto com a mão

O silêncio de quando nos vimos pela primeira vez

Atravessa a cozinha como um rio profundo

Por fim os peixes na travessa

Vamos dormir a escamar, abrir e salgar

Coisas prateadas espocam:

somos noivo e noiva

Amores em crise

A paixão nem sempre é amorosa, aparecem os desencontros e as desilusões. Afloram as raivas narcísicas, que buscam reencontrar o prazer imediato de querer amar de novo e com o temor de ter que renunciar a essa paixão.

O sofrimento originado em relações amorosas, como Freud nos alertava em *O mal-estar na civilização* (1930), constitui uma temática habitual na prática psicanalítica. Em psicanálise, existem concepções diferentes de como abordar os conflitos amorosos na clínica.

Quais são os males do amor e do desamor que aparecem na clínica?

O que faz um casal procurar a psicanálise de casal?

Embalada pela imagem acima, pode-se pensar: o que fez o encantamento

desse encontro desaparecer? Desapareceu? Caiu no esquecimento? Esgarçou-se a colcha da intimidade do casal? É com esse assombro da descoberta que os casais irão em busca de um reencontro, uma separação ou um novo encontro. Isso dependerá do recurso e da qualidade que o vínculo sustenta e produz.

FEBRA  PSI
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

FEBRAPSI Notícias: há trinta anos divulgando a psicanálise



Crianças e Telas: o impacto da tecnologia no desenvolvimento infantil

Há algum tempo, presenciamos um aumento significativo do uso das tecnologias digitais, que serão denominadas aqui por “telas”, smartphones, tablets, computadores e videogames portáteis, ou outro eletrônico com acesso ou não a internet, além dos televisores. O aumento no uso se deu primeiramente no público de adultos e adolescentes e atualmente é muito comum entre os mais jovens. Não é raro vermos bebês e crianças muito pequenas utilizando tablets ou smartphones, principalmente depois da pandemia de COVID-19 de 2020. Segundo pesquisa realizada em 13 capitais pelo Ministério da Saúde e pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, divulgada em outubro de 2023, um terço das crianças brasileiras de até 5 anos ficam mais de duas horas em telas diariamente. A cidade do Rio de

Janeiro registrou o maior índice, de 40%. Em São Paulo, 31,7%. O índice médio no país é de 33% (Cafardo, 2023).

É comum vermos crianças muito pequenas distraídas nas telas porque as crianças se concentram, ocorre um fenômeno denominado distração passiva, ou seja, a criança não interage ativamente com o mundo ao seu redor, e os pais ficam livres das demandas das crianças e podem se ocupar com outros afazeres.



Joselane A. T. Campagna Silva

Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Mato Grosso do Sul (SPMS), membro da Comissão de Infância e Adolescência da Febrapsi

Em 1999, David Levisky publicou “A mídia - Interferências sobre o aparelho psíquico”, onde descreve o uso das telas sendo utilizadas pelos pais como babás eletrônicas ou chupetas para acalmar bebês e crianças pequenas.

A preocupação não é apenas com o uso das telas, mas a idade em que a criança é exposta a esses dispositivos e o tempo que ela permanece em contato com as telas, em detrimento do contato com outras pessoas. O que se tem observado é que o contato precoce com as telas tem trazido prejuízos para o desenvolvimento, principalmente para bebês. Sabemos que o eu se desenvolve na presença de um outro ser humano.

É no contato progressivo com o mundo externo e, principalmente, com as pessoas que as cercam (pais, irmãos, avós, tios, babás, professores), que as crianças vão se apropriando do mundo externo e de seu funcionamento.

É extremamente importante que, dessa forma, as crianças possam, simultaneamente, ir construindo o seu eu. Neste caminho de construção, o bebê nasce com potencialidades e carac-



Site: <https://br.freepik.com/>

terísticas que são inatas e únicas. E é então no interjogo das características do bebê e das vivências com o mundo externo que o ser se constitui. Bebês expostos a longos períodos em frente às telas podem desenvolver dificuldade com a linguagem, com a socialização e com o desenvolvimento da capacidade simbólica.

Neste processo maturacional acontecem aquisições, imitação e identificações. Destacarei agora o processo de simbolização. Símbolo é um objeto, uma ação, uma imagem que representa algo não presente, então o símbolo é o substituto na falta do real concreto. Para M. Klein, (1930), a formação de símbolos se dá nas relações vinculares e, a partir do nascimento, a constituição dos símbolos é iniciada. Em seu artigo “A importância da Formação de símbolos no desenvolvimento do ego”, afirma que o simbolismo se torna a base para a relação do indivíduo com o mundo externo e com a realidade em geral. Os processos simbólicos estão na base de todas as atividades expressivas humanas e nos fundamentos da criatividade, na emergência do pensamento verbal da linguagem, bem como de todas as manifestações artísticas e científicas. Atrasos nessas áreas são frequentes em bebês que ficam passivamente expostos às telas por períodos prolongados.

A Sociedade Brasileira de Pediatria elaborou recomendações sobre o “tempo de tela” ideal, que é diferente para cada faixa etária, no manual de orientação #MenosTelas#MaisSaúde. Segundo a entidade, para crianças menores de dois anos, a recomendação é evitar por completo a exposição a telas. Já crianças com idades entre dois e cinco anos, a indicação é limitar o tempo de telas ao máximo de uma hora por dia. Entre seis e dez anos, o tempo aumenta para duas horas diárias. Para os maiores, a orientação é de três horas por dia.

Esses períodos diários sempre devem ser acompanhados por um adulto. Relatório de 2023 da Unesco também alertou para os riscos da exposição excessiva à tecnologia.

Em função dos problemas e riscos que a presença da tecnologia digital tem acarretado na vida das crianças, na França, em 2013, uma equipe de pesquisadores produziu um parecer redigido por Bach, Houdé, Léna e Tisseron (2013), intitulado *L'enfant et les écrans: Un Avis de L'Académie des Sciences*. Os autores fazem um alerta e propõem algumas recomendações na Academia de Ciências da França, aconselhando uma educação progressiva às telas digitais, adaptadas a cada idade, levando em conta a fase de desenvolvimento das crianças e adolescentes e organizada pelos pais e professores. Em 2018, Serge Tisseron, psicanalista francês, propôs a regra 3-6-9-12, (os números correspondem às idades da criança) que diz respeito a algumas regras para a exposição dos jovens às telas.

Muito ainda temos a refletir sobre o uso das tecnologias digitais e o desenvolvimento infantil. Retomando o que foi exposto anteriormente sobre a formação dos símbolos na primeira infância e a importância dos vínculos seguros e repercussões desses vínculos no futuro desenvolvimento do indivíduo, concluímos o seguinte: se o uso das telas estiver a serviço da manutenção das vinculações importantes da vida da criança, do convívio com familiares, das atividades escolares e ou sociais e do contato com a cultura geral, e não na substituição do olhar e do cuidado do adulto, encontraremos, provavelmente, usos mais equilibrados e saudáveis para as telas.

REFERÊNCIAS

- Bach, J. F., Houdé, O., Léna, P., & Tisseron, S. (2013). *L'enfant et les écrans: Un Avis de L'Académie des Sciences*. Paris: Le Premier.
- Cafardo, R. (2023, 25 de outubro). Um terço das crianças de até 5 anos ficam mais de duas horas em telas por dia, aponta pesquisa. Estadão. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/educacao/um-terco-das-criancas-de-ate-5-anos-ficam-mais-de-duas-horas-em-telas-por-dia-aponta-pesquisa/?srsltid=AfmBOoqMQREWvtXGBRnPDtcYSZxUrZXgWcK-fct6cgClqHnKb5UnQkLa>.
- Klein, M. (1996). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*.
- LEVISKY, D. L. A mídia - Interferências sobre o aparelho psíquico. *Revista Diagnóstico & Tratamento*, v. IV, n. 2, 1999.





“Solo estás y solo vivirás”¹

¹ Lorca, F.G. (1928). *Las nanas infantiles*

Na conferência “Las nanas infantiles”, proferida por Federico Garcia Lorca em 1928, há uma frase muito marcante: “Solo estás y solo vivirás”. Tal conferência refere-se às canções de ninar espanholas que “...acentúan sus caracteres poéticos y su fondo de tristeza en esta clase de cantos”. Pesquisador e profundo admirador do folclore espanhol, Lorca foi atraído pelas canções de ninar espanholas, além de perceber que essas eram carregadas de aguda tristeza, apreendeu que tocavam profundamente a sensibilidade do bebê. Eram entoadas por mulheres muito pobres, cujos filhos constituíam para elas uma cruz pesada, que não podiam suportar.

As lembranças da conferência de Lorca, remetem não apenas à necessidade de acalmar e proteger o lactente, mas também refletem as angústias de quem as entoa. Essa reflexão abre espaço para pensarmos, metaforicamente, que o ato de dormir envolve uma entrega ao sono e um necessário desligamento tanto da figura materna quanto do recém-nascido.

Contudo, em casos de depressão da cuidadora primária, ao embalar o seu bebê, ela pode ultrapassar os limites da separação essencial, expondo-o à sua extrema fragilidade emocional. Nessas condições, o infante, já vulnerável por

sua constituição, pode vivenciar uma angústia tão intensa que coloca em risco a integridade de seu ser.

O desenvolvimento inicial saudável de um bebê depende, em parte, de que ele tenha uma boa constituição, mas também está relacionado à presença de um ambiente facilitador.

Esse ambiente suficientemente bom, deve ser capaz de atender às suas necessidades básicas por meio de um objeto cuidador que esteja psiqui-



Joice Calza Macedo

Didata da SBPCamp e da SBPSP, analista de crianças e adolescentes pela IPA.

Coordenadora do Ateliê de Crianças do SOS Brasil e da Comissão de Infância e Adolescência da Febrapsi, Secretária de Seleção da SBPSP.

camente disponível e sintonizado com as demandas do bebê.

Sabemos que, nos últimos meses de gestação e no início de vida do bebê, faz-se necessário que o objeto cuidador regrida para um nível de sensibilidade “quase doentio”. Essa regressão permite que se possa responder às necessidades do bebê de forma suficientemente boa, ajudando-o a construir um senso de continuidade do ser.

Assim, nos primeiros momentos da existência, a comunicação entre o objeto cuidador e bebê acontece em um nível primitivo e pré-verbal. Essa interação envolve elementos como os batimentos cardíacos, o calor do corpo, os ritmos de respiração e os movimentos corporais. A qualidade dessa comunicação silenciosa, mas profunda, é o que garante ao bebê a sensação de segurança e confiabilidade. Quando o objeto cuidador responde de forma consistente e empática, o bebê começa a desenvolver



Descanso

1905 – Vilhelm Hammershoi

a capacidade de tolerar frustrações e elaborar experiências psíquicas.

Entretanto, falhas nesse momento inicial podem ter consequências graves para o bebê. A depressão materna é um dos fatores que afetam a capacidade de a mãe sustentar emocionalmente o bebê, principalmente quando não existe disponibilidade emocional do entorno para ajudá-la a digerir as experiências caóticas do seu filho. Quando a mãe, em seu sofrimento, não consegue oferecer essa contenção necessária, o bebê fica exposto a experiências angustiantes que ele não é capaz ainda de processar sozinho.

Nesses casos, a mãe pode falhar em proporcionar a continuidade entre vida pré-natal e pós-natal, essencial para o desenvolvimento do bebê. Essa continuidade é fundamental para que ele mantenha o senso de unidade de seu ser. Quando o ambiente não consegue responder de forma recorrente, o bebê pode experimentar sentimentos de desamparo, fragmentação psíquica e descontinuidade do ser.

Além disso, a ausência emocional do objeto cuidador afeta o ritmo e a sincronia da interação mãe-bebê, impossibilitando o estabelecimento de um espaço transicional, conforme descrito por Winnicott (1971). Esse espaço, essencial para a criatividade e a exploração do bebê, é substituído por uma adesão patológica na qual a mãe utiliza o corpo do bebê para preencher o vazio causado pela própria depressão. Esse movimento interrompe a transicionalidade e o mantém em um estado puramente sensorial, sem espaço para a elaboração psíquica.

Outra consequência possível da depressão materna é a incapacidade de o bebê introjetar um objeto bom, que possa funcionar como um modelo de contenção e cuidado. Sem essa internalização, ele não consegue estabelecer um espaço interno suficientemente coeso e seguro, o que compromete sua capacidade de desenvolver autonomia e lidar com frustrações.

No que se refere ao setting terapêutico, quando lidamos com experiências relacionadas aos primórdios da mente,



Criança dormindo
Bernardo Strozzi (1581-1644) – Óleo sobre tela

ele precisa funcionar como um ninho, para que atenda às necessidades básicas do paciente e possibilitar seu desenvolvimento dentro do que for possível.

O analista precisa ter uma função muito mais ativa para que a experiência emocional possa acontecer. É necessário se manter vivo e bem desperto. Sobreviver à turbulência dessas situações inusitadas, que poderão acontecer nesses atendimentos, pois quando lidamos com as áreas mais primitivas, o setting precisa ser constante e confiável como dizia Winnicott (1954-55) e isso torna-se mais importante do que qualquer interpretação.

Nesse nível de funcionamento, as palavras do analista são percebidas por sua melodia, entonação, ritmo, sotaque, musicalidade.

Finalizando, o desenvolvimento saudável do bebê depende de um ambiente que ofereça contenção, continuidade e vitalidade. A depressão materna compromete a capacidade de o cuidador cumprir essas funções essenciais, expondo o bebê a experiências de desamparo e fragmentação. Nesses casos, o trabalho analítico torna-se crucial para ajudar a elaborar as falhas do ambiente e a resgatar a possibilidade de construir ou reconstruir um espaço interno integrado, que possa trazer segurança básica.

REFERÊNCIAS

- Alvarez, A. (1992). Companhia Viva. Psicoterapia Psicanalítica com Crianças Autistas, Borderline, Carentes e Maltratadas. Artes Médicas. Porto Alegre. (1994)
- Alvarez, A. (2008). Falhas de ligação: ataques ou deficiências? In: Graña, Roberto Barberena, org; Piva, Angela B. S., org. A atualidade da psicanálise de crianças: perspectivas para um novo século. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 45-53.
- Winnicott, D.W (1956) A preocupação materna primária. In: Da Pediatria à Psicanálise - Obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993
- Winnicott, D.W. (1945). Desenvolvimento Emocional Primitivo. In: Da Pediatria à Psicanálise – Obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago Ed. (1993)
- Winnicott, D.W. (1963) O medo do colapso. In: Explorações Psicanalíticas D.W. Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas (1994).



O que você quer ser quando crescer?

Estava às voltas com o convite da colega Silvana Torres para ocupar esse espaço privilegiado do Febrapsi *Notícias*. Diante da tela em branco pensava: como poderia dar alguma contribuição interessante a partir da minha experiência em atender bebês, crianças e adolescentes?

Então me veio à lembrança um fato recente. Num dia feliz, de levar o netinho de cinco anos para a escola, ocupada arrumando seu almoço, escuto uma amiga perguntando a ele: "O que você quer ser quando crescer?". Numa fração de segundos, imaginei o que ele responderia: bombeiro, por exemplo?

Nisso ele disse: "Criança!" Naquele momento apenas achei curiosa a resposta. Porém, a lembrança agora me abriu um leque de reflexões.

Será que ele estaria dizendo que gostaria de ser criança para sempre,

algo que observamos muitas vezes em adultos com dificuldade de amadurecimento? Não me parece. Penso que dizia que as perspectivas, ao seu olhar, eram as de ser exatamente o que ele é: uma criança!

Observamos atualmente como muitas vezes o direito de ser criança é vedado aos pequeninos, que desde muito cedo são apresentados às telas e colocados em cursos lotando suas agendas de futuros executivos.



Maria Thereza de Barros França

Psiquiatra, psicanalista de crianças e adolescentes pela IPA, didata e docente da SBPSP

Membro do grupo Prisma (Protocolo de Investigação Psicanalítica de Sinais de Mudança em Autismo)

Uma paciente contou do grupo de música que frequenta com seu bebê de nove meses. Várias mães e filhos se reúnem com um professor e cantam juntos. Algo que poderia ocorrer naturalmente no ambiente doméstico, mas que hoje, assim como para muitas outras atividades, se busca um "tutorial", ou criar espaço em meio à correria do dia a dia.

Sabemos como o contato íntimo, afetivo entre mãe e bebê, ainda mais se cercado desse envelope sonoro e atividades lúdicas, é fundamental para a constituição psíquica e o desenvolvimento das crianças.

A apresentação precoce às telas me foi referida por pais muito aflitos com o quadro de autismo da filhinha de cinco anos. "Achávamos que isso iria ajudá-la a ser mais esperta, se desenvolver melhor..."

As causas de autismo são múltiplas. No entanto, considera-se que um dos fatores que contribui para o aumento desse diagnóstico seria exatamente a exposição digital precoce e intensa, em detrimento de vínculos afetivos significativos.

Segundo dados recentes do Center for Disease Control and Prevention



dos Estados Unidos, a prevalência de casos de autismo em 10 anos (2008 – 2018) dobrou de 1/88 crianças para 1/44, sendo que em 2023 esse número subiu para 1/36.

Os neurocientistas defendem que os nativos digitais quanto mais cedo expostos às telas correm o risco de maiores danos cerebrais, por um atraso na maturação anatômica e funcional de redes cognitivas relacionadas à linguagem e à atenção.

Quanto maior o uso de televisão e videogame, menor o desenvolvimento cognitivo, pois os principais alicerces da nossa inteligência são afetados, a saber, linguagem, concentração, memória e cultura, tendo como consequência o prejuízo acadêmico.

Evidentemente, a questão não reside nas telas em si, pois, dentro de um projeto educativo, são muito proveitosas. O uso que se faz delas, em especial o recreativo, é o que representa maior perigo.

A superestimulação da atenção, prejudicando concentração, aprendizagem e favorecendo a impulsividade, estaria ligada ao enorme número de pacientes que hoje chegam até nós com o diagnóstico de TDAH?

O mergulho no mundo virtual frequentemente se acompanha de diminuição no espaço afetivo de convívio familiar, tão importante para o desenvolvimento emocional. Respeitar seus limites de acordo com a idade da criança deve estar dentro da ideia geral de que quanto menos, melhor.

Observo como passamos do polo da severidade nos limites para a frouxidão deles. Os pais se queixam do uso intensivo de telas pelos filhos, como se não tivessem alcance sobre isso. Sentem-se perdidos, precisando de ajuda para suas funções parentais. E os filhos ficam então à mercê de exercerem um autocontrole, para o qual não têm

maturidade alguma. E se sentem cada vez mais soltos no mundo, precisando ainda mais se grudar ao virtual – cria-se um círculo vicioso.

Outra questão que surge com frequência são os pais dizendo: “eu só quero que meu filho seja feliz”. Desenvolvem então um trato com eles no sentido de atenderem todos os desejos, evitando frustrações e dores a qualquer preço. Não há maneira melhor de poder ser feliz que não passe pelo desenvolvimento da condição de conviver com a realidade. A lida com a frustração, o compartilhamento de momentos tristes, ao lado dos alegres, é o que de fato ajuda nossos filhos a se fortalecerem.

O equívoco ao dizerem:

“meu filho tem gênio forte, ele sabe exatamente o que quer” é frequente.

Quando crianças todos somos voluntariosos, sabemos o quanto queremos a satisfação de nossos desejos. É um movimento civilizatório aprendermos com nossos pais a deixar de ser os reizinhos da casa, importante experiência nos momentos iniciais, para passarmos a ser um entre outros.

A experiência de cuidarmos dos nossos filhos, com afeto e atenção especiais aos bebês, ajudá-los a desfrutarem da sua infância e a ingressarem no mundo dos relacionamentos, é a base de uma adolescência menos turbulenta.

Ajudar os pais em suas funções que os habilitem a conseguir serem pais suficientemente bons é uma tarefa importante para nós psicanalistas.

Dessa maneira, valendo-me da sabedoria do meu netinho, afirmo que, para contribuirmos para o futuro do nosso bem mais precioso, o melhor que podemos fazer é ajudá-los a gostarem de ser crianças!





A dor da diferença

Sobre o filme Close, de Lukas Dhont (2022)

“As dores de amadurecimento dão o tom do filme do diretor belga. O longa acompanha Léo e Rémi, dois meninos do interior da Bélgica que vivem uma amizade. Quando eles começam o ano letivo em um novo colégio, a proximidade os torna alvo das típicas chacotas estudantis, o que introduz tensão na até então plácida intimidade. Léo decide colocar barreiras entre si e Rémi, com consequências trágicas para todos.

Rémi tem uma reação devastadora quando Léo parte para o soco por não querer dormir na mesma cama que ele, como faziam sempre. Esta situação serve como prelúdio para uma briga que aponta para uma ruptura séria da amizade. Aos poucos, a ternura que regia a relação dá lugar à violência.

O processo de brutalidade entre meninos pré-adolescentes é uma temática do filme. Léo se infiltra entre os populares na tentativa de afirmar uma identidade independente do amigo. Aos poucos, o sensível menino vai embrutecendo. Close é um filme intenso e duro sobre o fim da infância. Crianças falam sobre tudo e a vida adulta começa quando essa habilidade se esvai. No silêncio que resta, culpa, dor e vergonha nascem para ocupar as mentes que antes só pensavam em soldadinhos de brinquedo”. (ensaiocritico.com).

Vamos falar sobre o “direito a identidade”.

Carlos Fernández Sessarego, ministro da Justiça e Direitos Humanos do Peru, se dedicou à defesa do tema. Descreve que a identidade pessoal é um “ser si mesmo”. Esta profunda característica da existência, que seria a “mesmidade” do ser, permanece como um interesse pessoal fundamental que requer proteção jurídica, da mesma forma que outros essenciais interesses pessoais, tais como a liberdade ou a vida.

A identidade da pessoa não se limita a seus sinais distintivos, mas também compreende seus atributos e qualidades que se traduzem em comportamentos efetivos, em condutas intersubjetivas.

Complementa este autor que, quando mencionamos a tutela da identidade pessoal manifestada pela projeção social da personalidade, não nos referimos a identidade estática, mas sim à identidade que denominamos “dinâmica”, como um complexo conjunto de atributos e qualificações da pessoa.

A identidade estática se define como “identificação”: cicatrizes, peculiaridades especiais, impressões digitais, nome, sobrenome, foto, ficha de nascimento, nacionalidade, são nossos documentos de identidade.

Além dessa identidade estática, existe no ser humano um interesse muito profundo digno de tutela jurídica que seria sua “verdade pessoal” entendida como o resultado de sua “verdade biográfica”.

Em 1985 se expressa o “direito vivo”: “cada sujeito tem que ser representado na vida de relação em sua verdadeira identidade”. Este indivíduo tem uma história única e irrepitível, com o movimento das etapas da vida onde a personalidade se estrutura.

A jurisprudência vem reconhecendo o direito à identidade pessoal, o “ser eu mesmo”. Constitui-se assim a “verdade da pessoa”, que se constrói desde o momento da concepção, onde se formam as suas raízes e seus condicionamentos e vai além do presente existencial se projetando no futuro. A identidade é fluida, como o próprio ser, não é algo acabado e finito.

“O que deve ser levado em conta é o direito do sujeito “a sua verdade pessoal”, tal qual é, sem alterações, desfiguramentos,



Eliane Cotrim Levcovitz

Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

falseamentos, distorções de suas características tanto estáticas como dinâmicas que o distinguem dos demais e que o fazem ser “ele mesmo” e não “outro”. O direito à identidade supõe o respeito à própria biografia, com suas luzes e sombras, com o que agrada e com o que desagradar”. (Ana Maria Carrasco; 2010; *El derecho a la identidad* em Homoparentalidades: nuevas familias).

O que isso diz respeito à Psicanálise de Casal e Família?

Para além da nossa identidade estar associada para o bem e para o mal às nossas relações primeiras, constituintes, temos a influência onipresente de “outros” enquanto alteridade. Esses “outros” sempre trazem o incomodo do estranho, do imprevisível.

Como analistas, temos a difícil e fascinante tarefa de administrar terapeuticamente identidades ligadas, em constante movimento. Mostram-se os vínculos amorosos, conflituados de casais e famílias que buscam ajuda para suas necessidades e sofrimentos. Estamos ali a “céu aberto” em nosso *setting*, formando um circuito de palavras e sentimentos, buscando acolher, respeitar e suportar as diferenças que coexistem e doem.

Berenstein e Puget definem o “vínculo como sendo o inconsciente em sua maior densidade: é o que dá pertencimento e estabelece uma descontinuidade e uma continuidade entre os “eus”. O “entre” é um estado psíquico derivado do contato com a presença do outro, com a alteridade. O outro visto como algo novo, diferente do Eu.

No filme *Close*, a brutalidade da “impossibilidade de ser” e da “ameaça de não pertencimento” tiveram terríveis consequências e ao mesmo tempo criaram laços amorosos. Lembramos como tudo gira em torno das nossas identidades lutando pelo nosso “ser si mesmo” e estar *em relação*.

Por uma Psicanálise em expansão

O Projeto “Livros no Tatame” foi criado a partir de uma inquietante busca de um papel social mais abrangente para a psicanálise, um espaço potencial para novas construções de sentido e uma adaptação criativa a lugares onde a psicanálise não costuma estar, lugares estes com diversas dificuldades.

Em 2018, teve seu início em tatames de Muaythai, nas comunidades Covanca e Rio das Pedras, na zona oeste do Rio de Janeiro. “Livros no Tatame”, reconhecido e apoiado pelo Núcleo Comunidade e Cultura da SPRJ, recebeu um Prêmio IPA na Cultura, no Congresso da IPA/2021, em Vancouver.

A chave dos encontros é a leitura acompanhada da escuta psicanalítica, o tatame é o *setting*.

Um espaço de conversa é criado por meio da leitura, onde crianças e adolescentes falam de vivências e sentimentos, suas aventuras e desventuras. As crianças contam algo que ouviram, viram ou sentiram, num “estar com” de infinitas possibilidades. Todos(as) ali têm histórias para contar!

O Projeto proporciona a escuta das demandas dos tempos atuais e torna a nossa psicanálise ainda mais viva e criativa, contando com a estratégia comunitária de um potente espaço de encontro.

Em 2024, “Livros no Tatame” se expande para o “modo itinerante”, que propõe um olhar para dentro de instituições públicas, de centros comunitários e para fora de nossos consultórios de psicanálise.

Desde março deste ano, acontecem encontros semanais no Centro de Treinamento de Jiu-jítsu Jaca Team, em Porto Alegre. No “tatame/*setting*” as crianças e suas histórias são acolhidas, na tentativa de transformá-las em narrativas e expandir suas vivências. Nele, mesmo o indizível nos captura e tem seu lugar. Neste contexto, a leitura é o caminho para despertar o potencial criativo de cada um.

O aumento no número de participantes - mães acompanhando suas crianças - neste espaço para narrativas, têm validado o impacto onde “Livros no Tatame” acontece. As crianças e adolescentes têm a possibilidade de significar suas vivências e contar

suas próprias histórias, numa busca de condições facilitadoras que incentivem a dimensão simbólica de tais vivências e favoreçam uma adaptação criativa à vida.

No dia cinco de julho de 2024, o Projeto Social “Livros no Tatame” teve a oportunidade de ser apresentado em evento promovido pela SBPdePA. Este evento inaugurou o apoio da SBPdePA ao projeto em parceria com a SPRJ - esta última, instituição de origem da criadora e coordenadora do Projeto.

Ainda em julho, foi realizado o primeiro “Curso de Imersão Livros no Tatame”, com o apoio do Instituto Ensino da Psicanálise e do Núcleo Comunidade e Cultura da SPRJ e da Diretoria da SBPdePA, contando com a participação de psicólogas e psicanalistas com experiência na clínica da infância. A partir daí, foi formada a primeira equipe para a biblioteca Ziraldo, na Cidade das Artes, no Rio de Janeiro, e a equipe da Escola Indígena Fág Nhin, em Porto Alegre.

Em 16 de agosto, aconteceu a inserção semanal do Projeto na Escola Indígena Fág Nhin.

Literatura e psicanálise estão lá, resgatando a autoestima e o potencial da cultura indígena e do povo Kaingang. Neste contexto, o impacto de uma narrativa, a partir da leitura de um livro de história indígena, tem uma intensidade que nos arrebatava e de algum modo nos transforma.

Ler uma história é abrir e explorar diferentes mundos e, com a experiência cultural e subjetiva daqueles que estão no tatame/*setting*, é encontrar um território inexplorado que fica acessível por meio desta imersão em personagens que nunca fomos e jamais seremos, em

vidas que nunca teríamos em nossa trajetória. Esta leitura compartilhada nos transporta para sermos o que não éramos, e nos tornamos o que ainda não sabemos ser.

Em novembro, aconteceu o segundo “Curso de Imersão Livros no Tatame”, para expandirmos a outras bibliotecas no Rio de Janeiro, em novos espaços em Porto Alegre e numa escola em São Paulo. Atualmente a equipe conta com doze “psis” leitoras.

Com o crescimento do Projeto, foram necessários e fundamentais: o aprofunda-



Christine Nunes

Membro associada da SPRJ,
membro convidada da SBPdePA

mento de estudos teóricos e técnicos, a criação de um instrumento para o registro de relatos dos participantes onde o Projeto foi aplicado, a inclusão do relatório da vivência escrito por quem aplicou, e a definição de Reuniões de Elaboração (RE) mensais com as “psis” leitoras. Tais instrumentos promoveram a criação de um Curso de Extensão: Introdução ao Dispositivo Clínico “Livros no Tatame”, na UFBA- Universidade Federal da Bahia, planejado para o ano de 2025.

Com a grave situação das inundações do Rio Grande do Sul, “Livros no Tatame” teve contato com o Projeto “Biblioteca Itinerante” de Indaiatuba/São Paulo. Esta parceria conta, ainda, com a instituição beneficente “Seleção do Bem 8”, para manutenção e posse do ônibus “biblioteca itinerante”. Trata-se de um ônibus equipado com livros e tatame, com o objetivo de realizar a aplicação do projeto nas proximidades das escolas ainda não recuperadas e para permanente doação e arrecadação de livros.

No dia 11 de dezembro, “Livros no Tatame” participou do “Natal Gigante” - Festa de Natal dos Acolhidos, promovida pelo Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, o Sport Club Internacional e o Estádio Beira-Rio. O evento reuniu, para uma tarde de brincadeiras e solidariedade e cuidado, 1,2 mil crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucionalizado no Estado.

A inserção do “Livros no Tatame” nestes espaços representa a expansão da psicanálise, onde o *setting* é o tatame, acompanhado da escuta e da atitude psicanalítica internalizadas. É a psicanálise ocupando diferentes lugares sociais e culturais, numa busca vibrante de acolher e dar sentido, afastando as crianças da cegueira das letras e aproximando-as da palavra como suporte para dar conta da vida.



Nota da ABC para a Febrapsi

A Associação Brasileira de Candidatos (ABC) celebra 2024 como um ano de grandes realizações e encontros marcantes. Ao longo deste ano, concretizamos três dos quatro Regionais Mistos planejados. Esses encontros representaram momentos significativos de integração entre analistas em formação de diferentes regiões do Brasil. O encontro com as diferenças não apenas enriqueceu as trocas, mas também aprofundou nossa compreensão sobre a consistência e a riqueza do modelo de formação psicanalítica da IPA.

Ainda em 2024, alinhados com o tema do Congresso Brasileiro de Psicanálise, estamos organizando o *Livro Construções IX*, que terá como tema: "Sexualidades e Subjetivação: onde se ancora a escuta do analista". Esse projeto reúne textos de analistas em formação e conta com o suporte especial do Ateliê de Escrita, coordenado por Ana Claudia Meira. O Ateliê destacou-se como um espaço de apoio e inspiração, promovendo

encontros nos quais os analistas em formação compartilham experiências e aprofundam-se no exercício da escrita psicanalítica.

Também vivemos momentos marcantes com nossos colegas da OCAL e da IPSO no evento "Reencontrando caminhos: Isso não é Psicanálise?". Esse reencontro fortaleceu os laços entre analistas em formação de toda América Latina, promovendo reflexões que transcendem fronteiras.

Não poderíamos deixar de registrar a perda irreparável do nosso querido Roosevelt Cassorla, o "eterno candidato", cuja presença e legado perma-



Ana Paula Basséggio Biondo

Presidente da ABC

necerão vivos em cada um de nós. Seu amor pelo ser humano, sua humildade, senso de humor e sabedoria deixaram marcas profundas em nossa formação. Ele continua a nos inspirar, lembrando-nos sempre da essência do que significa ser psicanalista.

Seguimos firmes no compromisso de criar espaços de encontros, aprendizado e trocas, sempre com alegria e dedicação aos nossos associados. O que vivemos em 2024 nos reafirma o compromisso dos analistas em formação com a psicanálise e com o fortalecimento do quarto eixo.

Desejamos a todos um final de ano cheio de paz e alegria. Que 2025 traga novas experiências, encontros plenos de afetos e inspiração, fortalecendo ainda mais nossa querida ABC.



ABC

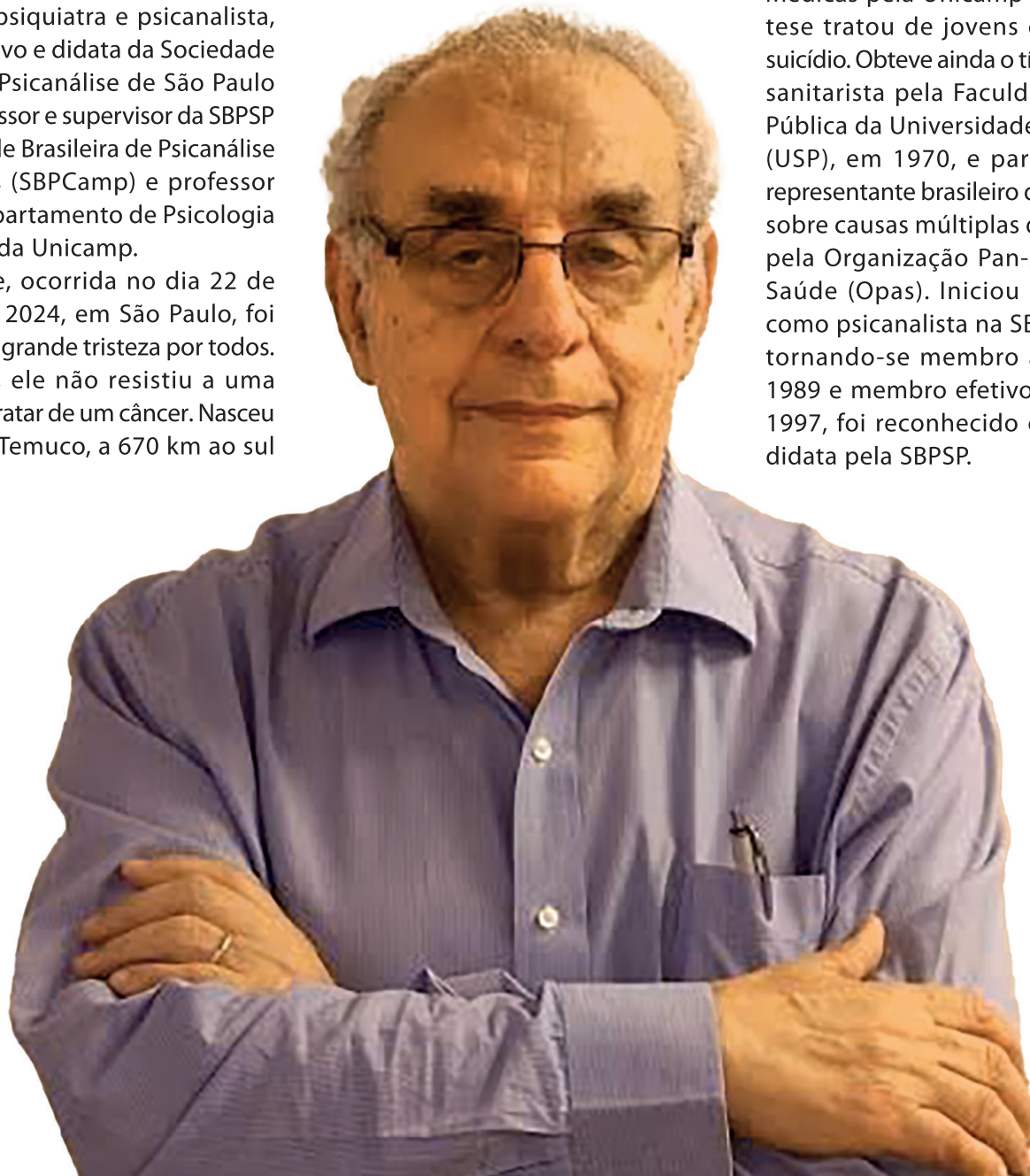
Associação Brasileira de Psicanalistas em Formação - IPA

Biografia: Roosevelt Cassorla

Roosevelt Moisés Smeke Cassorla estará sempre presente entre nós, na história da psicanálise, da psiquiatria, do meio acadêmico e científico, tamanha sua importância no campo da saúde mental. Suas contribuições foram significativas para a formação de analistas, estudantes e profissionais da área. Era psiquiatra e psicanalista, membro efetivo e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), professor e supervisor da SBPSP e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp) e professor titular do Departamento de Psicologia e Psiquiatria da Unicamp.

Sua morte, ocorrida no dia 22 de setembro de 2024, em São Paulo, foi recebida com grande tristeza por todos. Aos 79 anos, ele não resistiu a uma cirurgia para tratar de um câncer. Nasceu em 1954 em Temuco, a 670 km ao sul

da cidade de Santiago, no Chile. Foi no Colégio Metodista de Temuco que fez seus estudos elementares. Aos sete anos de idade, emigrou com sua família para São Paulo. Coursou o ginásio na Escola Estadual Prof. Roldão Lopes de Barros e o colegial na Escola Estadual Presidente Roosevelt.



Helena Daltro Pontual
Membro associada da SBPSP
e da SPBsB

Graduou-se como médico na Escola Paulista de Medicina (Unifesp) em 1968 e concluiu o doutorado em Ciências Médicas pela Unicamp em 1981, cuja tese tratou de jovens que tentam o suicídio. Obteve ainda o título de médico sanitário pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), em 1970, e participou como representante brasileiro da investigação sobre causas múltiplas de morte, feita pela Organização Pan-Americana da Saúde (Opas). Iniciou sua formação como psicanalista na SBPSP em 1984, tornando-se membro associado em 1989 e membro efetivo em 1991. Em 1997, foi reconhecido como analista didata pela SBPSP.

Deixou um grande legado sobre temas diversos que tratam de: clínica e técnica psicanalítica, adolescência, suicídio e autodes-truição. Seus conceitos de *enactment* crônico e agudo, sonhos-a-dois e não-sonhos-a-dois fazem parte do vocabulário psicanalítico contemporâneo, e muitos de seus trabalhos científicos foram traduzidos para o inglês, francês, espanhol, alemão, italiano, romeno e polonês.

Seus livros *Estudos sobre suicídio: psicanálise e saúde mental* (2021), e *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment* (2018) foram traduzidos para diversos idiomas e são ampla-

mente estudados em círculos psicanalíticos ao redor do mundo. Outros livros de sua autoria sobre suicídio são: *Suicídio, fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução* (2018), *O que é suicídio* (1995) e *Do suicídio* (1991). Publicou ainda o livro *Da morte* (1999) e mais de 200 trabalhos científicos, entre os quais um texto no livro *Psicossoma V: Integração, Desintegração e Limites* (2014), juntamente com outros 29 autores, organizado por Rubens Marcelo Volich, Wagner Ranña e Maria Elisa Pessoa Labaki.

Roosevelt fez parte do *International Journal of Psychoanalysis*, da Associação Psicanalítica Argentina, e da Revista da Associação Psicanalítica de Madrid, entre outras. Foi ainda colaborador do Dicionário Inter-Regional da IPA. Recebeu vários prêmios, entre os quais o *Sigourney Award for Outstanding Archivement in Psychoanalysis*, em 2017, pelo conjunto de suas contribuições à psicanálise.

Ao comentar sobre o fenômeno complexo do suicídio, Neury J. Botega¹, psiquiatra e professor da Unicamp,



disse que, desde a década de 1980, Roosevelt Cassorla lidera o pensamento psicanalítico sobre o tema no Brasil, pois aprofundou-se no estudo da auto-agressão humana a partir de sua tese de doutorado, aliando a experiência clínica a sólido referencial teórico. Para Botega, Roosevelt “inspirou toda uma geração de profissionais interessados em prevenção do suicídio”.

Roosevelt² ensinou que:

“A morte que vem de fora não precisa ser entendida. A morte do suicida é diferente, é gesto que nasce dentro, último acorde de uma melodia que vinha sendo preparada no silêncio do seu ser. O profissional ativa acuidade perceptiva para silêncios – música inaudível -, palavras inexistentes buscadas por emoções sem sentido”.

Ao falar sobre agressão e punição no comportamento suicida,³ Roosevelt nos diz que:

“A tendência de imaginar como seria a reação dos outros à própria morte é comum no ser humano e se acentua em momentos de frustração, impotência e raiva. O ato suicida se torna uma retaliação e vingança contra o ambiente e as pessoas que, supostamente, fizeram o suicida sofrer, ou não o ajudaram e compreenderam o suficiente. Espera-se que elas sintam remorso e sofram pelo que teriam feito ou deixado de fazer”.

Em outro trecho do livro, diz:

“É importante que a família e outras pessoas próximas ao suicida saibam que ninguém é onipotente e onisciente, que nem sempre é possível prever o ato e tomar medidas adequadas. Não raro, o próprio paciente, futuro suicida, provocou os sentimentos de desesperança e rejeição que seu ambiente tem por ele”.

Seus livros ajudam o leitor que vivenciou situações de suicídio em seu ambiente ou que já pensou em se matar. São importantes também para os que se defrontam com situações nas quais há sofrimento e desejo de morte, em especial profissionais de saúde, educação, direito e estudos sociais. Roosevelt escreveu para um grande público, e um de seus objetivos era o de que seus livros estimulassem todos a lutar para que os seres humanos possam viver e morrer com dignidade, evitando sofrimentos desnecessários.

1 Comentário na contracapa do livro *Estudos sobre suicídio, psicanálise e saúde mental* (2021, Ed. Blucher)

2 *Estudos sobre suicídio, psicanálise e saúde mental* (2021, Ed. Blucher)

3 *Suicídio, fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução* (2018, Ed. Blucher)

CONSELHOS, FEDERADAS E PRESIDENTES

CONSELHO DIRETOR

Presidente: Luiz Celso Toledo

Secretária Geral: Daniela Bormann Vieira

Tesoureira: Ana Cláudia Zuanella

Diretora do Conselho de Coordenação Científica:
Ana Clara Duarte Gavião

Diretora do Conselho Profissional:
Renata Arouca de O. Morais

Diretora de Publicações e Divulgação:
Silvana Marta M. Torres

Diretora de Comunidade e Cultura:
Josiane Barbosa de Oliveira

Diretora Superintendente:
Maria Lúcia Moret de Carvalho

Secretária do Conselho de Coordenação Científica:
Susana Chinazzo

ADMINISTRAÇÃO

Gerente Administrativo Financeiro: Lúcia Boggiss
Analista de Comunicação: Tais Maia

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editor: Claudio Castelo Filho

Editora Associada: Elsa Vera Kunze Post Susemihl

CONSELHO CIENTÍFICO

Diretor: Ana Clara Duarte Gavião

Secretária do Con. de Coord. Científica: Susana Chinazzo

SBPSP: Raya Angel Zonana

SPRJ: Daniela Bormann Vieira

SBPRJ: Marina Magalhães L. Miranda

SPPA: Marli Bergel

SPRPE: Sandra Matoso Trombetta Quintans

SPBsb: Nize Nascimento

SBPdePA: Janine Maria de Oliveira Severo

SPPel: Eduardo Brod Méndez

SBPRP: Beatriz Troncon Busatto

SPMS: Joelma Dibo Victoriano

SBPMG: Tânia Oliveira de Almeida Grassano

SPFOR: Marúcia Luna Neri Benevides

SBPCampinas: Adriana Maria Nagalli de Oliveira

SBPG: Andréia Lobo Costa Campos de Melo

SBPCuritiba: Andreas Linhares

GEP Rio Preto e Região: Heleny S. Scrocchio Romero

GEP-SC: Ana Maria Maykot Prates Michels

GEP-Marília e Região: Cacilda Grama Pompilio Vilas Boas

Grupo de Uberaba: Lídia Queiroz Silva Magnino

DELEGADOS

Magda Guimarães Khouri, Rodrigo Lage Leite, Roberto Santoro Pires de C. Almeida, Rosa Maria Carvalho Reis, Ruth Naidin, Marina Magalhães Leitão Miranda, Kátia Wagner Radke, Iara Lurdes Lucchese Wiehe, Dinora Borges Rodrigues Maricevich, Alirio Torres Dantas Júnior, Ana Velia Vélez de Sánchez Osella, Roberto Calil Jabur, Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld, Denise Zimpek Teixeira Pereira, Beatriz Hax Sander, Christine Marques Castro Vinhas, Adriana Vilela Jacob Francisco, José Cesário Francisco Junior, Gleda Brandão Coelho Martins de Araujo, Paula Francisca Andrade Mittelstaedt, Ana Carolina Ramon Tiuso, Patrícia Gomes Figueira, Karina Rodrigues Bernardes, Regina Célia Cardoso Esteves, Nelson José Nazaré Rocha, Cláudia Cristina Antonelli, Maristela Nunes Pinheiro, Jane do Carmo Moura Fabian, Solange Luiz Caldas dos Santos, Marina Vidal Stabile, Osvaldo Luís Barison, Sueli Barison, Gládis Elaine Carneletto Garcia,

Fabio Firmino Lopes, Cibele Maria Moraes di Battista Brandão, Cassia Teixeira Assef, Luís de Paiva Silva, Denise Léa Moratteli.

PRESIDENTES DAS FEDERADAS

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)
Magda Guimarães Khouri

Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)
Roberto Santoro Pires de C. Almeida

Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)
Ruth Naidin

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)
Kátia Wagner Radke

Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE)
Dinora Borges Rodrigues Maricevich

Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb)
Ana Velia Vélez de Sánchez Osella

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA)
Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld

Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel)
Beatriz Hax Sander

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)
Adriana Vilela Jacob Francisco

Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS)
Gleda Brandão Coelho Martins de Araujo

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG)
Ana Carolina Ramon Tiuso

Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR)
Karina Rodrigues Bernardes

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCampinas)
Nelson José Nazaré Rocha

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Goiânia (SBPG)
Maristela Nunes Pinheiro

Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC)
Solange Luiz Caldas dos Santos

Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região (GEP Rio Preto e Região)
Osvaldo Luis Barison

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina (GEP-SC)
Gládis Elaine Carneletto Garcia

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Marília e Região (GEP Marília e Região)
Cibele Maria Moraes di Battista Brandão

Grupo Psicanálise Uberaba (GPU)
Luís de Paiva Silva

NÚCLEOS PSICANALÍTICOS

Núcleo Psicanalítico de Maceió

Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo

Núcleo Psicanalítico de Salvador

Núcleo de Psicanálise de Uberlândia

PUBLICAÇÕES

Revista Brasileira de Psicanálise – <http://rbp.org.br/>

Jornal Febrapsi Notícias – <https://febrapsi.org/febrapsi-noticias/>

Observatório Psicanalítico – <https://febrapsi.org/publicacoes/jornal-do-observatorio-psicanalitico/>

Mirante – O Podcast da Febrapsi – https://febrapsi.org/project_category/mirante/

Podcast Associação Livre - Febrapsi – <https://open.spotify.com/show/5y5g9scGWNIB2eZMFmbp2a>

Boletim das Federadas – <https://febrapsi.org/boletim-das-federadas/>

Vídeos de encontros e palestras sobre psicanálise – https://www.youtube.com/channel/UCmUs0eVqnuYPjrUYxCP_Aw

